ITa qualquer cousa que não sei o que ó, que vos não disse..., qualquer cousa que explcaria isto tudo... A minha alma esfria-me... Mal sei se tenho estado a fallar... Fallae-me,
gritae-me, para que eu acorde, para que eu saiba que estou aqui ante vós e que ha cous que são apenas sonhos...
Primeira (numa voz muito baixa).—Não sei que vos diga... Não ouso olhar para as cousas... Esse sonho como continua?...
Segunda. — Não sei como era o resto.. . Mal sei como era o resto. . . Porque é que haverá mais ?...
Primeira. — E o que aconteceu depois ?
Segunda. — Depois? Depois de quê? Depois é alguma coisa?... Veiu um dia um barco. •. Aeiu um dia um barco. . . — Sim, sim. . . só podia ter sido assim. . . —Vei u um dia um barco, e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro.. .
Terceira. — Talvez tivesse regressado á pátria... Mas a qual?
Primeira. — Sim, a qual ? E o que teriam feito ao marinheiro? Sabel-o-hia alguém? Segunda. — Porque é que m'o preguntaes ? H a resposta para alguma cousa ?

• . (uma pausa)

Terceira.— Será absolutamente necessário, mesmo dentro do vosso sonho, que tenh havido esse marinheiro e essa ilha?
Segunda. — Não, minha irmã; nada é absolutamente necessário.
Primeira. — Ao menos, como acabou o sonho?
Segunda. — Não acabou... Não sei... Nenhu m sonho acaba... Sei eu ao certo s
o não continuo sonhando, se o não sonho sem o saber, se o sonhal-o não é. esta cou vaga a que eu chamo a minha vida?... Não me falíeis mais... Principio a estar cert de qualquer cousa, que não sei o que é... Avançam para mim, por uma noite que não esta, os passos de um horror que desconheço.. . Quem teria eu ido despertar com o son meu que vos contei?. . . Tenho um medo disforme de que Deus tivesse prohibido o me

sonho... Elle ó sem duvida mais real do que Deus permitte... Não estejaes silenciosas... Dizei-me ao menos que a noite vae passando, embora eu o, sabia... Ved
começa a ir ser dia... Vede: vae haver o dia real... Paremos. . . Não pensemos mais. Não tentemos seguir nesta aventura interior... Quem sabe o que está no fim d'ella?..

Tudo isto, minhas irmãs, passou-se na noite.. . Não fallemos mais d'isto, nem a nós-proprias... E' humano e conveniente que tomemos, cada qual a sua attitude de tristeza.
Terceira.— Foi-me tão bello escutar-vos. . . Não digais que não... Bem sei que não valeu a pena... E' porisso que o achei bello... Não foi porisso, mas deixae que eu diga. . . De resto, a musica da vossa voz, que escutei ainda mais que as vossas palavra deixa-me, talvez só por ser musica, descontente. . .
Segunda. — Tud o deixa descontente, minh a irmã. . . Os homens qu 9 pensam cançam-s
de tudo, porque tudo muda. Os homens que passam provam-o, porque mudam com tudo. De eterno e bello ha apenas o sonho... Porque estamos nós íãllando ainda?.. . Primeira. — Não sei... (olhandointra o caixão, cm roz mais baixa). —Porque é que se morre? Segunda. — Talvez por não se sonhar bastante. . .

Primeira.—E' possível... Não valeria então a pena fecharmo-nos no sonho e esque cer a vida, para que a morte nos esquecesse?.
Segunda. — Não minha irmã: não vale a pena...
Terceira. — Minhas irmãs, é j á dia. . . Vede, a linha dos montes maravilha-se. . . Porque não choramos nós?... Aquella que finge estar alli era bella, e nova como nós, sonhava também. . . Estou certa que o sonho d'ella era o mais bello de todos. .. Ella d que sonharia?...
Primeira. — Fallae mais baixo. Ella escutano s talvez, e já sabe para que servem os sonhos.
(uma pausa)

Segunda.—Talve z nada dist o seja verdade.. . Todo este silencio, e esta morta,
este dia que começa não são talvez senão um sonho... Olhae bem para tudo isto. Tarece-vos que pertence á vida?